

# PROJETO QUERINO

O projeto Querino é apoiado pelo Instituto Ibirapitanga.

O podcast é produzido pela Rádio Novelo.

## Episódio 03: Chove Chuva

**Angélica Paulo:** Angola, Congo, Benguela

Monjolo, Cabinda, Mina

Quiloa, Rebolo

Aqui onde estão os homens

Há um grande leilão

Dizem que nele há uma princesa à venda

Que veio junto com seus súditos

Acorrentados em carros de boi

Eu quero ver

Eu quero ver.

<<<< som de videocassete dando rewind, depois dando play >>>>

**Gilberto Gil:** Vou fazer mais uma vez que eu quero ouvir vocês cantarem!

*Aqui estamos reunidos / À beira-mar / Nesta noite de ano-novo / Nesta festa de lemanjá...*

**Tiago Rogero:** Na virada de 1995 pra 1996, no Réveillon,

teve esse show, na Praia de Copacabana, no Rio, em homenagem ao Tom Jobim, que tinha morrido um ano antes.

**Gilberto Gil:** *...Brasileiro de Almeida / De ouro e marfim / Curumim da mata virgem / Antonio Carlos Jobim / Ê, babá, ê, babá, ê (uh! Quero ouvir!) / Antonio Carlos Jobim / Ê, babá, ê, babá, ê...*

**Tiago Rogero:** A nata da música popular brasileira tava reunida ali.

Além do Gilberto Gil, tava o Caetano Veloso...

**Caetano Veloso:** *Vai, minha tristeza / E diz a ela...*

**Chico Buarque:** *Não sei se eu ainda...*

**Tiago Rogero:** O Chico Buarque...

**Chico Buarque:** *...Te esqueço de fato...*

**Paulinho da Viola:** *...Uma canção pelo ar...*

**Tiago Rogero:** O Paulinho da Viola...

**Gal Costa:** *Uma mulher a cantar...*

**Tiago Rogero:** A Gal Costa...

**Gal Costa:** *Uma cidade a cantar...*

**Milton Nascimento:** *É de manhã / Vem o sol / Mas os pingos da chuva / Que ontem caiu...*

**Tiago Rogero:** E o Milton...

**Milton Nascimento:** *Ainda estão a brilhar...*

**Tiago Rogero:** Ah, o Milton...

**Milton Nascimento:** *Ainda estão a dançar...*

**Tiago Rogero:** Eu não tinha nem idade,  
e nem morava no Rio nessa época,  
mas só de ouvir já dá pra imaginar que deve ter sido um show histórico.  
Tanta gente incrível junta no palco.

Claro que tem muitos outros, mas digamos que, se tivesse uma Copa do Mundo de música e o Brasil mandasse essa seleção,

com mais mulheres, claro,

a gente tava bem demais. Altas chances de trazer a taça.

O que é muito louco é que esse show com tanta gente incrível acabou marcado por uma coisa pra lá de chata.

<<<<< *som de disco arranhado* >>>>

Pra não dizer coisa pior.

É que vieram à tona os cachês:

cada artista recebeu R\$ 100 mil pra se apresentar.

Os valores são da época, de 1996.

Cada artista recebeu R\$ 100 mil.

menos

o único sambista do grupo.

O Paulinho da Viola recebeu R\$ 30 mil,

e isso deu um fuzuê danado na época.

Ah, é importante dizer que os demais artistas não tiveram nada com isso,

foi uma decisão da organização do evento.

Uma das organizadoras chegou até a dizer que a culpa era do Paulinho e da forma como ele conduzia a carreira dele:

segundo ela, enquanto os outros artistas tinham escritórios, o Paulinho trabalhava no fundo do quintal da casa dele.

Hm.

Não tem muita sutileza nem muita camada pra ser desvelada num negócio desse.

Pra muita gente que acompanhou, ficou evidente:

foi um caso de preconceito contra o samba.

Como se o samba  
uma das maiores, ou talvez a maior expressão cultural negra brasileira,  
ou a maior expressão musical brasileira,

fosse menos MPB.

Como se o samba nem fosse MPB.

MPB, essa coisa elevada, que veio vindo lá da bossa nova e foi se desdobrando em outras  
coisas tão finas quanto,  
ao longo do tempo.

E é muito absurda essa ideia porque...

Bom, escuta isso aqui.

<<<<< som de agulha de vinil >>>>>

**João Gilberto:** *O que será de mim / Sem ela? / Na minha vida / Nem é bom  
pensar...*

<<<<< som de troca de disco >>>>>

**João Gilberto:** *Num pedacinho de terra / Com madeira e tijolo / Fiz meu lar....*

**Tiago Rogero:** Essa voz masculina nesses dois sambas é de um sujeito que chamava João  
Gilberto,  
branco, que uns sete anos depois dessas gravações criou a... bossa nova.

Aliás, a primeira gravação da bossa nova, composição do Tom Jobim e do Vinicius de  
Moraes, é um samba.

**Elizeth Cardoso:** *Vai, minha tristeza / E diz a ele que sem ele não pode ser...*

**Tiago Rogero:** Essa primeira gravação é na voz da Elizeth Cardoso. Uma mulher negra. A versão do João Gilberto foi gravada um mês depois, com um novo arranjo, e foi essa que lançou a carreira dele como a grande estrela da bossa nova.

**João Gilberto:** *Vai, minha tristeza / E diz a ela que sem ela não pode ser...*

**Tiago Rogero:** O próprio João Gilberto sempre reconheceu que o samba tá na origem da bossa nova.

Isso não é nem nenhuma novidade, nenhuma polêmica, é algo pra lá de pacificado.

**João Gilberto:** *Deixa que o meu samba / Sabe tudo sem você...*

<<<< som de troca de disco >>>>

**João Gilberto:** *Eis aqui este sambinha feito numa nota só...*

<<<< som de troca de disco >>>>

**João Gilberto:** *Eu nasci com o samba / No samba me criei / E do danado do samba / Nunca me separei...*

**Tiago Rogero:** A bossa nova num ia nem existir se pessoas negras não tivessem criado o samba, décadas e décadas antes.

E não é só a bossa nova.

Não teria música brasileira se não fossem pelos africanos e pelos seus descendentes.

Quer dizer, até teria, mas não seria nada parecido com o que é internacionalmente cultuado como música brasileira.

O que existe de melhor na nossa música,  
veio da negritude.

Veio do talento de pessoas que,  
como forma de resistência,

como forma também de lazer,  
de trabalho,  
como forma de dar vazão tanto ao sofrimento quanto à criatividade,  
de dar vazão a suas genialidades,

essas pessoas pegaram aquela coisa chata e velha que chegava da Europa,  
da branca Europa,

juntaram com os conhecimentos, as rítmicas e as diferentes harmonias africanas,  
e a dos povos originários, dos indígenas,

juntaram tudo,  
bagunçaram tudo,  
melhoraram tudo,

e transformaram em algo novo.

Criaram  
a música brasileira.

E cê vai entender como.

Eu sou o Tiago Rogero,  
este é o podcast do projeto Querino,  
produzido pela Rádio Novelo.

Episódio três: Chove chuva.

**Angélica Paulo:** Aqui onde estão os homens  
Dum lado, cana de açúcar  
Do outro lado o cafezal  
Ao centro, senhores sentados  
Vendo a colheita do algodão branco  
Sendo colhido por mãos negras  
Eu quero ver

Eu quero ver.

**Tiago Rogero:** Quando o Dom João VI veio pro Brasil fugindo da guerra, e do Napoleão, ele trouxe junto um monte de músicos portugueses.

E uma das primeiras medidas dele foi criar, lá naquele terreno que tinha sido doado por um traficante, na Quinta da Boa Vista, uma Capela Real, que era anexa ao Palácio de São Cristóvão.

E pra cantar e tocar nas missas tinham 50 cantores e 100 instrumentistas. Era uma das maiores orquestras do mundo na época.

Pra comandar essa turma toda, o Dom João chamou um músico... brasileiro. E não era por causa do simbolismo da coisa, num era pra valorizar o Brasil. Era porque esse músico era bom pra caramba.

Teve um pianista e compositor austríaco que vivia no Rio nessa época que disse que esse brasileiro era o maior improvisador do mundo.

Improvisava, e também compunha, e muito. Tanto que as músicas dele são tocadas e ensinadas até hoje, no Brasil e no mundo.

<<<<< toca a música "Dies sanctificatus" >>>>>

**Tiago Rogero:** São músicas sacras, né? Nessa época era isso que rolava.

O nome dele era Padre José Maurício.

Daí lembra que, em 1815, o Brasil foi promovido, deixou de ser colônia de Portugal e passou à condição de Reino Unido a Portugal e Algarves?

O Padre José Maurício foi escolhido pra dirigir a missa que celebrou a elevação do Brasil.

<<<<< toca a música "Abertura em Ré" >>>>>

**Tiago Rogero:** Quando estourou aquela revolta lá em Portugal e exigiram o retorno de Dom João, em 1821,

rolou um arrocho salarial na Capela Real.

O salário dos músicos, que já não era lá essas coisas, foi reduzido a menos de 1/4.

Mas esse não era o único problema do Padre José Maurício.

Apesar de todo o reconhecimento dele, a Coroa nunca pagou pelas composições.

E foram centenas. Nessa época não tinham direitos autorais, *royalties*, essas coisas.

E os músicos portugueses, que eram a maioria na orquestra da Capela Real, sempre resistiram a ser comandados por um brasileiro,

que nunca tinha saído do país pra estudar nos grandes conservatórios.

Eles também faziam questão de apontar o,

"defeito físico visível",

do Padre José Maurício.

O maior improvisador do mundo,

o autor de composições que são gravadas até hoje, mais de duzentos anos depois,

tinha o defeito

de cor.

Ele era negro.

Apesar de todo esse talento, o padre acabou tendo um fim de vida bem difícil.

Na miséria, mesmo.

Coisas do Brasil.

**Orquestra e Coro Vox Brasiliensis e Ricardo Kanji:** *Que eu ame tanto / Sem ser amado / Sou infeliz / Sou desgraçado / Que eu ame tanto...*

**Tiago Rogero:** Essa música também é do Padre José Maurício.

A gravação é de 2019, da Orquestra e Coro Vox Brasiliensis.



**Orquestra e Coro Vox Brasiliensis e Ricardo Kanji:** *...Que eu ame tanto / Sem ser amado / Sou infeliz / Sou desgraçado...*

**Tiago Rogero:** A música é uma modinha.

Modinha, o gênero musical.

Surgiu aqui no Brasil e é considerado um dos primeiros ritmos que se tornaram realmente populares em várias partes do país.

O Padre José Maurício num foi o criador, mas foi um dos principais responsáveis por popularizar a modinha.

Tem um livro que foi bem importante pra pesquisa deste episódio, o nome é "História da música popular brasileira: Sem preconceitos", é do pesquisador, crítico musical e jornalista Rodrigo Faour.

E lá ele escreveu que, apesar de ter nascido aqui, a modinha teve origem puramente europeia — quer dizer, dos músicos brancos, portugueses ou seus descendentes que moravam no Brasil.

Foi lá pelos anos 1800 que começaram a chegar outros gêneros musicais vindos da Europa, especialmente de Portugal.

Como a valsa...

<<<<< *toca a música "Valsa Andaluza"* >>>>>

**Tiago Rogero:** Também tinha a polca...

<<<<< *toca a música "Polca Marcha"* >>>>>

**Tiago Rogero:** E esses eram alguns dos ritmos e gêneros musicais que chegavam da Europa.

Mas já tinha gente fazendo música há muito tempo no Brasil.

Foi da influência indígena que surgiu, por exemplo, o cateretê, que depois acabou virando um ritmo básico da chamada música caipira.

<<<<< toca a música "O Malaquias" >>>>>

**Tiago Rogero:** E tinha, claro, os milhões de africanos que os escravistas brasileiros num paravam de trazer, ano após ano, e cada vez mais.

Aqui no Brasil, tem uma série de registros bem antigos de manifestações musicais entre os escravizados. À época, em geral as autoridades só descreviam tudo como batuque, que é um danado de um reducionismo.

Foi pela influência desses africanos que surgiu uma das primeiras músicas afrobrasileiras: o maracatu. Nasceu ainda no século XVII, em Pernambuco, com participação indígena também.

<<<<< toca a música "Eh Uá Calunga" >>>>>

**Tiago Rogero:** Assim como o maracatu, tem uma outra tradição musical afro-brasileira que resiste até hoje.

O jongo, que surgiu no século XIX e é uma mistura entre música, sagrado, culto aos ancestrais...

Aliás, quando eu falo música e africanos você provavelmente deve estar pensando em percussão.

E é verdade, a percussão é uma base das culturas africanas.

Mas não é só percussão.

E quando eu digo "só percussão", não quero dizer que a percussão é pouca coisa.

Como se percussão fosse fácil, como se fosse menos música.

É toda uma visão diferente de música, de mundo, toda uma outra construção.

Por exemplo: uma característica da musicalidade africana é a polirritmia:

a superposição de ritmos ou métricas diferentes.

É mais ou menos assim:

tem música em quatro tempos.

*<<<< toca uma batida em quatro tempos >>>>*

**Tiago Rogero:** 1, 2, 3, 4...

Tem música em três tempos.

*<<<< toca uma batida em três tempos >>>>*

**Tiago Rogero:** 1, 2, 3...

E, sei lá, em seis tempos.

*<<<< toca uma batida em seis tempos >>>>*

**Tiago Rogero:** 1, 2, 3, 4, 5, 6...

A polirritmia sobrepõe esses tempos.

Bota um em cima do outro. Toca todos juntos ao mesmo tempo.

E fica assim:

*<<<< toca uma batida em polirritmia >>>>*

**Tiago Rogero:** A polirritmia existe há centenas de anos.

Ó, só mais um exemplo.

*<<<< toca uma música em polirritmia >>>>*

**Tiago Rogero:** Onde foi que eu já ouvi algo assim?

*<<<< toca a música "Só com a ajuda do santo" >>>>*

**Tiago Rogero:** Mas calma que a gente tá se adiantando no tempo.

A polirritmia tá na origem de um tanto de gênero musical não só no Brasil, mas em outros países que também receberam africanos escravizados, como a rumba, em Cuba.

E a musicalidade africana tinha também o canto sincopado.

Olha a Elizeth Cardoso fazendo isso numa música que inclusive chama "Sincopado Triste".

**Elizeth Cardoso:** *Eu só tenho pra dizer / Até já, seja feliz / Talvez um outro alguém / Possa lhe dar / a alegria que eu não sou...*

**Tiago Rogero:** Cê percebeu como a Elizeth deixa de cantar a palavra na hora em que se esperaria que ela cantasse?

Bonito demais.

A síncope é uma das bases, por exemplo, do jazz, nos Estados Unidos.

E, claro, tá na origem de um monte de coisa aqui no Brasil.

E tem mais gênero afrobrasileiro nesse caldeirão.

Segundo o Rodrigo Faour, que escreveu aquele livro que eu falei há pouco, a primeira manifestação cultural negra que foi aceita pela sociedade branca colonial foi o lundu.

Surgiu na Bahia, depois no Rio e em Pernambuco.

Primeiro, o lundu era uma dança. Depois virou um gênero musical.

As letras eram meio cômicas, meio indiscretas. Tipo essa aqui:

**Bahiano:** *Quem dá beijo em mulher velha / Que tem boca desdentada / Logo fica com dor de dente / E a barriga destemperada / Bolimbalacho, bola em cima, bola em baixo / Bolimbalacho...*

**Tiago Rogero:** O Faour também considera o lundu o nosso primeiro ritmo afro-brasileiro importante, porque foi fundamental na formação de outros ritmos que vieram depois.

Como o tango brasileiro, que era uma mistura de polca, habanera, tango espanhol e lundu:

<<<<< *toca a música "Quebra cabeças"* >>>>>

**Tiago Rogero:** Como o choro, que juntava polca, tango brasileiro e lundu.

<<<<< *toca a música "Felicidade"* >>>>>

**Tiago Rogero:** E tinha também o maxixe, que era uma mistura de polca com lundu, de tango com lundu...

<<<<< *toca a música "Será possível"* >>>>>

**Tiago Rogero:** Boa parte dessas gravações que cê tá ouvindo são do começo do século XX. É que só em 1902 foram gravadas as primeiras músicas no Brasil.

Uma parte desse acervo tá no site do projeto Discografia Brasileira, do Instituto Moreira Salles.

**Edinha Diniz:** A música popular brasileira foi e é feita por muitos. É onde a gente sente o sangue brasileiro correr na cultura é na música popular. Nenhuma outra manifestação cultural e artística traz tanto de brasilidade quanto a música.

**Tiago Rogero:** Esta é a Edinha Diniz, professora, pesquisadora e socióloga.

Ela é a biógrafa de uma pessoa,

de uma mulher,

que foi decisiva pra esse processo de transformação da nossa música.

Pro nascimento do que depois ficaria conhecido como

música popular brasileira.

**Edinha Diniz:** Ela é fundamental nessa fase de formação por misturar a música que nos chegava, que é uma música europeia, por misturar com elementos da rítmica africana. Então, em cima de valsas, polcas e tangos, principalmente, mas todos os outros gêneros de música principalmente dançante, a Chiquinha

agregava a rítmica africana, encaminhando essa música para que se tornasse brasileira.

**Tiago Rogero:** Chiquinha é a Francisca Edwiges Neves Gonzaga, a Chiquinha Gonzaga.

**Edinha Diniz:** Nenhum compositor deu uma contribuição tão grande e trabalhou tanto essa transição como ela.

<<<< som de TV ligando >>>>

**Milton Gonçalves:** É, Chiquinha! Chiquinha, é, me permita lhe apresentar José do Patrocínio, grande poeta e grande jornalista.

**Maurício Gonçalves:** Sua música corre no meu sangue.

**Regina Duarte:** É porque nosso sangue sai do mesmo coração africano.

<<<< som de TV desligando >>>>

**Edinha Diniz:** Chiquinha Gonzaga é um exemplo para a mulher brasileira. É uma inspiração na luta das mulheres por liberdade e dignidade. É exemplo de pioneirismo, foi uma mulher transgressora, por isso demorou tanto a ter um registro histórico.

<<<< toca a música "Atraente" >>>>

**Edinha Diniz:** A música popular ainda não estava na rua, nos grandes espaços. Ela era uma música praticada em salão por sinhazinhas, a mulher era uma grande executante de música. Na sociedade ainda escravista, imperial, os dois grandes elementos sociais executores de música são a mulher e o escravizado. Ou seja: os elementos sociais mais oprimidos e que, portanto, tinham mais necessidade de expressão. Só que a mulher praticava música na sala de visitas. Algumas compunham, poucas publicavam, chegavam a editar. Mas nenhuma ousava pular a janela da sala de visitas, porque colocava em risco sua reputação. Não havia possibilidade da mulher se profissionalizar em música. E é essa ousadia que Chiquinha Gonzaga pratica.

**Tiago Rogero:** Dependendo de quando você nasceu,

e das referências que você teve,  
pode ser que, ao pensar em Chiquinha Gonzaga, você imagine uma mulher

branca.

É que, em 1999, teve uma minissérie de bastante sucesso da TV Globo sobre a vida dela.  
Duas atrizes interpretaram a Chiquinha:

na fase jovem, a Gabriela Duarte.

<<<<< som de TV ligando >>>>>

**Gabriela Duarte:** Ai...

**Marcello Novaes:** Senhora Francisca...

**Gabriela Duarte:** Eu quero ir! Senhor Jacinto, por favor, vamos acompanhar meus amigos a uma dança de negros?

**Marcello Novaes:** O quê???

**Tiago Rogero:** Quem faz o papel da Chiquinha mais velha é a Regina Duarte, que é mãe da Gabriela.

Aquela Regina Duarte.

<<<<< som de TV ligando >>>>>

**Regina Duarte:** Por que o senhor quer um pianista homem?

**Voz masculina:** É a nossa tradição.

**Regina Duarte:** Mas eu posso me transformar num pianista homem. Corto os cabelos, venho trabalhar de calças, coloco um vasto bigode e, se o senhor quiser, posso tomar uma navalha e fazer a barba todas as manhãs.

<<<<< som de TV desligando >>>>>

**Tiago Rogero:** A Regina e a Gabriela Duarte, caso você não saiba, são brancas.

E essa minissérie não foi a única, nem a primeira, a retratar a Chiquinha como uma mulher branca.

Teve por exemplo uma peça de teatro que também fez muito sucesso nos anos 1990,

teve até desfile de escola de samba...

E nisso tudo, a Chiquinha era branca.

**Edinha Diniz:** Porque até então nós só tínhamos o registro de que ela era morena, trigueira... A partir de 2009, portanto só dez anos depois da minissérie, e muitos anos depois do teatro, só na segunda edição revista e atualizada da biografia, que eu trazia essa documentação da Cúria Metropolitana, a documentação dos livros-registros da Igreja Católica. Então, só a partir de 2009 eu pude documentar a origem de Rosa, mãe de Chiquinha, e Tomásia, sua avó escravizada.

**Tiago Rogero:** A mãe da Chiquinha só não foi escravizada porque foi libertada na pia batismal.

Isso era algo que acontecia às vezes:

o bebê nascia escravizado,

e isso é horrível de dizer, enfim, mas pela lei da época ele já era escravizado ao nascer.

Mas, em alguns casos, que tavam longe de ser a regra, tavam bem mais pra exceção, o bebê era libertado pelo proprietário no momento em que recebia o batismo.

E foi assim com a mãe da Chiquinha, a Rosa.

Daí a vida passou, com 15 anos de idade, a Rosa engravidou pela primeira vez do José Basileu. Que era um homem branco de uma família tradicional da Corte.

**Edinha Diniz:** Então a Chiquinha é fruto de um homem branco de olhos claros, de família socialmente bem situada, e uma mestiça, uma parda, como eles chamavam, né, alforriada na pia batismal e, portanto, Chiquinha é neta de uma escravizada. Mas o pai dá a sua primogênita uma educação esmerada em casa, mas também um professor de piano porque a música fazia parte da educação de uma mocinha.

<<<<< *toca a música "Corta Jaca"* >>>>>

**Edinha Diniz:** Chiquinha Gonzaga teve um grande trânsito social possibilitado pelo pai e por sua educação. Mas não traía sua origem afrodescendente. Chiquinha Gonzaga não apenas não traía sua origem afrodescendente, como ela incorpora na sua obra a sua herança africana. É evidente a rítmica que ela imprime, que é de



origem africana. E muitas das suas partituras são nitidamente africanas, como o jongo, o cateretê... Ela assina partituras declaradamente de música negra, além de imprimir e incorporar a rítmica do lundu, principalmente, às polcas e tudo mais. Então ela, mais do que reconhecer a sua origem afrodescendente, ela contribuiu pra juntar, integrar a cultura branca e negra.

**Tiago Rogero:** A Chiquinha compunha também trilhas de operetas e peças de teatro.

Em 1912, ela criou uma peça, o nome era Forrobodó, que bateu todos os recordes de público da época, com 1.500 apresentações.

E o elenco era formado por dez negros e só um branco.

Se isso é algo que ainda é disruptivo hoje, imagina naquela época.

Ela também foi pioneira na luta pelos direitos autorais dos compositores.

Teve uma vez que ela foi fazer uma excursão por Portugal, aí ela encontrou um monte de partituras de músicas dela, mas com os nomes de outros compositores.

Ela ficou revoltada com isso e criou a primeira associação arrecadadora de direitos do Brasil, em 1917.

Talvez você nem saiba, mas conhece pelo menos uma música da Chiquinha Gonzaga. No mínimo a mais famosa de todas.

<<<< *toca a música "Ô Abre Alas"* >>>>

**Tiago Rogero:** Essa apresentação, aliás, é da Orquestra Sinfônica Juvenil Chiquinha Gonzaga, formada só por meninas da rede pública de ensino do Rio.

Elas tão tocando "Ô Abre-alas", que é de 1899.

A primeira música composta especificamente para o carnaval.

E no carnaval, tinha um cordão que passava bem debaixo da janela da Chiquinha.

**Edinha Diniz:** O cordão se chamava Rosa de Ouro e, nessa marchinha, Chiquinha deixa muito evidente o seu espírito determinado. 'Ó Abre Alas' diz 'Ó Abre Alas que eu quero passar, Rosa de Ouro é que vai ganhar'. Ela não tem nenhuma dúvida da vitória da Rosa de Ouro como da sua vitória pessoal.

Ela se adianta no tempo porque o carnaval, que na época, nos salões, era dançado ao som de música europeia, e na rua tinha apenas a bumba, percussão... Ela, ao compor essa marchinha pra o cordão ela se antecipa, porque o Carnaval só 18 anos depois passa a ter música própria, composta para a festa, com o samba carnavalesco 'Pelo Telefone', em 1917.

<<<<< som de agulha de disco >>>>>

<<<<< toca a introdução de "Pelo telefone" >>>>>

**Tiago Rogero:** "Pelo telefone"...

**Bahiano:** *O chefe da folia / Pelo telefone / Manda me avisar / Que com alegria / Não se questione / Para se brincar...*

**Tiago Rogero:** Cê já deve conhecer as polêmicas envolvendo "Pelo Telefone".

Por muito tempo a música foi reconhecida como o primeiro samba gravado, mas tinha gente que dizia que não era samba, que era maxixe,

e também tinha gente reclamando que, apesar do registro ter sido feito pelo Donga, a composição na verdade tinha sido a várias mãos.

Fato é que "Pelo telefone" é um marco da História do Brasil.

Porque na época o que mais tinha eram essas criações coletivas, então os compositores acabavam não sendo reconhecidos nem remunerados por elas.

Ao fazer o registro da partitura, o Donga assumiu uma postura de compositor, de dono da obra, como é hoje em dia.

Ele deu sequência àquilo que a Chiquinha começou.

Mas agora o bicho pegou porque, sendo samba ou maxixe, a gente acabou caindo de novo no samba.

E no samba a parada fica séria.

**Acauam Oliveira:** Se a gente pegar a história do samba, por exemplo, a gente pode pensar uma história de resistência do povo negro dentro do território nacional tentando encontrar formas de se relacionar com esse grande significante brasileiro.

**Tiago Rogero:** Este é o Acauam Oliveira, professor e pesquisador.

**Acauam Oliveira:** A música popular é uma invenção popular, é uma invenção do povo brasileiro e sobretudo dos negros. Se a gente pegar o samba, você tem um povo ali no... que era escravizado, que é abandonado nos grandes centros urbanos, nas cidades, no Rio de Janeiro, em Salvador, um pouco de São Paulo também e etc.; que vai criar formas de sobrevivência num Estado que as criminalizava através de diversos mecanismos legais mesmo, né, de Lei da Vadiagem, essas coisas... Vai criar formas de sobrevivência e novas linguagens, vai criar formas de adaptação de aspectos da sua cultura a uma linguagem moderna.

**Tiago Rogero:** O Clóvis Moura, grande historiador, sociólogo e intelectual, chamava isso de "cultura de resistência", algo que é praticado pelos negros no Brasil desde que os primeiros africanos foram desembarcados aqui.

Pra além da genialidade da arte, da criação artística, da necessidade e do desejo de se expressar,

era também um mecanismo de defesa contra a cultura dominante, aquela que era imposta pelos opressores, pelos brancos.

Empurravam uma única cultura, entre aspas, aceitável sobre o povo negro,

o povo negro empurrava de volta.

E mais forte.

**Acauam Oliveira:** E o samba vai ser talvez uma das primeiras formas de linguagem moderna que a gente vai ter no, no país, pensando na urbanização e tal, nessas coisas. A música popular brasileira, diferente de outras linguagens, por exemplo, como a literatura, que vai ser importada, vai chegar aqui já formatada e

a gente vai adaptar, mas ela vem das elites de cima e se impõe para baixo; a música popular é de criação dos de baixo que se impõe acima.

**Tiago Rogero:** Empurra, que a gente empurra de volta.

**Acauam Oliveira:** O negro brasileiro criou. Aquilo que nós chamamos de música popular é uma criação negra, que apresenta aspectos da tradição negra, e portanto de uma ancestralidade e que, no entanto, por ser negra, é ultramoderna, não tradicional. A contribuição da cultura negra para a música popular brasileira é a sua invenção. A sua criação. Não fosse esses sujeitos, não haveria.

**Tiago Rogero:** E daí cê lembra de toda aquela história do show no Réveillon, do começo do episódio?

Dá pra enxergar meio que uma linha nisso tudo, né? Pensando lá de trás.

Claro que não é uma linha evolutiva, nada disso; só uma ideia de continuidade, mesmo, que uma coisa acaba surgindo por influência da outra.

Primeiro já tinham os povos originários, aqui, povos musicais:

daí chegam lá aqueles ritmos europeus, coisa de piano, de cravo...

os africanos pegam aquilo, juntam com tudo que traziam e constroem algo novo,

vem maracatu, jongo, lundu, cateretê, choro, maxixe, samba...

Daí a gente tem a genialidade de um Pixinguinha, de uma Clementina de Jesus...

A turma da bossa nova bebendo desse samba, se inspirando nele...

E esse caminho leva à MPB:

um guarda-chuva que na teoria reúne toda a diversidade da nossa música.

Música Popular Brasileira, com m, p e b maiúsculos.

A nossa brasilidade.

**Acauam Oliveira:** Montei um curso e tô apresentando que chama 'Música preta brasileira'. E daí em alguns lugares que eu apresento esse curso, de vez em quando

aparece alguém dizendo: 'Ah, mas por que falar em música preta brasileira? música não tem cor, o que existe é música brasileira'. E aí é muito curioso, né, como essa ideia de nação, ela serve para eliminar diferenças e homogeneizar aquilo que seria da ordem de uma pluralidade em conflito, né? E daí a gente pensa na identidade negra, identidade indígena, etc. e etc.

**Tiago Rogero:** Quando se homogeniza algo, geralmente alguma coisa vai ficar de fora.

Tem um texto do Paulo da Costa e Silva, professor e pesquisador, que deu pra gente a ideia de abrir o episódio com aquela história do show em homenagem ao Tom Jobim.

O Paulo diz lá que tem esse grande guarda-chuva da MPB, e que esse guarda-chuva tomou emprestada a tradição do samba, mas nunca se integrou de fato com ela.

Aí ele até faz uma analogia.

Era como se um temporal caísse no palco, na hora do show.

Tava todo mundo embaixo do guarda-chuva: Chico, Caetano, Gal...

Mas o Paulinho da Viola,  
o representante do samba,

tava com corpo meio pra fora, tomando chuva.

**Acauam Oliveira:** O brasileiro, ele tem esse pressuposto homogenizador que acaba por negar particularidades, que a gente sabe que é uma forma de ocultar o processo de extermínio ainda em curso da população negra no Brasil.

**Tiago Rogero:** Mas e se a gente olhasse prum outro caminho que tava sendo trilhado esse tempo todo?

Um que também veio junto lá de trás,  
que se associou a essa tradição, à negritude,  
mas que a partir de tudo isso criou algo diferente?

Esse caminho tá simbolizado em um nome.

Um nome que a gente não falou aqui ainda.

O cara que abriu esses caminhos.

**Acauam Oliveira:** Ele não apenas segue ali nas transformações da MPB como uma vertente, mas ele inaugura uma outra vertente que vai desaguar em uma outra história da música popular brasileira. Ao realizar o negro enquanto sujeito de si, totalmente sujeito de si próprio, ele reatualiza a música popular e recria os seus caminhos.

**Tiago Rogero:** O fundador de uma nova história da música popular brasileira.

Bebendo de tudo o que veio antes, valorizando tudo o que veio antes,  
mas construindo outro futuro.

Afro-futurista.

**Acauam Oliveira:** E ao fazer isso ele reinventa a função do violão, reinventa a função do canto, reinventa a função da voz, reinventa o imaginário negro. E é por isso que eu acho mais avançado do que o "Pantera Negra". Porque o Pantera Negra faz isso até certo ponto, mas recoloca dentro da lógica do liberalismo norte-americano. É o negro em liberdade sujeito à dinâmica do capital. O Jorge Ben não é isso. É o negro em liberdade plena, nos momentos onde ele consegue alcançar isso.

**Tiago Rogero:** Jorge

Ben

Jor.

<<<<< *toca a introdução da música "Menina mulher da pele preta"* >>>>>

**Angélica Paulo:** Eu quero ver  
Quando Zumbi chegar  
O que vai acontecer  
Zumbi é o senhor das guerras  
É o senhor das demandas  
Quando Zumbi chega  
É Zumbi é quem manda

Eu quero ver

Eu quero ver.

**Tiago Rogero:** Isso que cê tá ouvindo é a letra de uma música do Jorge Ben Jor. O nome é "Zumbi".

Quem declamou pra gente ao longo do episódio é a Angélica Paulo, jornalista que foi uma das pesquisadoras e é a produtora do podcast do projeto Querino.

Eu sou fascinado por essa música.

**Jorge Ben Jor:** *...Aqui onde estão os homens...*

**Tiago Rogero:** O Jorge Ben começa falando os nomes de alguns dos povos africanos que vieram escravizados pro Brasil,

depois menciona uma princesa africana sendo vendida num leilão de escravizados...

E isso é verdade, a escravidão trouxe integrantes de realidades africanas, de grandes reinos muito mais antigos, cuja história começou muito antes de português sequer pisar em África...

Daí ele fala dos senhores brancos sentados, sem fazer nada enquanto todo o trabalho era feito por mãos negras...

E termina com um aviso.

Eu ouço até como ameaça.

"Eu quero ver

quando Zumbi chegar".

**Jorge Ben Jor:** *Eu quero ver, ê-ê-ê-ê / Quando Zumbi chegar / O que vai acontecer / Zumbi é senhor das...*

**Acauam Oliveira:** Uma coisa é pensar o Jorge Ben como um músico da tradição da MPB, da música popular brasileira, como o Jorge Ben do 'País Tropical', Jorge Ben da festividade, da grande festa do Brasil, do futebol, etc. e etc. Outra coisa é pensar o Jorge Ben como um músico no interior da Música Preta Brasileira, que traz outras temáticas. O Jorge Ben passa a significar outra coisa. Uma coisa é pensar o

samba a partir dessa ideia de brasilidade, né, o samba como 'ah, samba, carnaval, futebol'; nos confirmando, nós todos, né, pretos, brancos, como uma sociedade mestiça. Outra coisa é pensar o samba como resistência negra, e portanto em grande medida contrário a uma série de determinações do Estado Nacional. E não como a confirmação do Estado Nacional, mas como uma negação interna ao próprio conceito de identidade nacional.

**Tiago Rogero:** O Jorge Ben é filho de dois brasileiros, mas os pais da mãe dele são etíopes.

Ele já disse que a mãe dele é filha de nobres africanos que, por um descuido geográfico, nasceu no Brasil.

**Acauam Oliveira:** Dentro dessa tradição da MPB, ele é lido na chave de uma espécie de continuação diferenciada daquilo que o gesto inaugural do João Gilberto, que é outro gênio, havia criado. O João Gilberto, que reatualiza o samba ali, cria um outro modelo de samba; e o Jorge Ben também cria um outro modelo de samba mas muito próximo daquilo que o João Gilberto efetivamente havia feito. Só que uma outra linguagem, mais percussiva, tal.

**Jorge Ben Jor:** *Balança Pema / Balança sem parar / Arrasta as sandálias / Arrasta até gastar...*

**Tiago Rogero:** Aliás, a ideia aqui não é colocar Jorge Ben em oposição ao João Gilberto.

Muito longe disso.

O Jorge Ben sempre se disse devoto do João Gilberto.

**Jorge Ben Jor:** *...juntinho com o seu vai e vem / Balança...*

**Acauam Oliveira:** É muito difícil pensar o Jorge Ben sem o João Gilberto, porque o João Gilberto ele meio que inaugura essa condição de possibilidade que vai ser a MPB. Se não fosse a revolução do João Gilberto, talvez o Jorge Ben, por exemplo, tivesse necessariamente que fazer samba. Essa ideia de uma linguagem autoral, essa linguagem autoral ter presença nas gravadoras como uma aposta e tal, se deve muito ao sucesso da bossa nova e sobretudo ao que o João Gilberto conseguiu realizar com o violão. O próprio fato de ser voz e violão, que o Jorge Ben vai começar nesse sentido e tal.

<<<< toca a música "Chove Chuva" >>>>



**Acauam Oliveira:** Mas, por outro lado, tudo aquilo que não está no João Gilberto está no Jorge Ben. Ele não está pensando na evolução musical pensada a partir das relações harmônicas, ele transforma o violão quase que num instrumento de percussão. É como se o violão do Jorge Ben fosse uma espécie de atabaque que apontasse para tradições, portanto, que são muito anteriores, mas ao mesmo tempo apontasse pro futuro.

**Jorge Ben Jor:** *Essa menina mulher / Da pele preta...*

**Acauam Oliveira:** Ele recupera essa tradição negra, que vai estar inscrita no território nacional muito fortemente, na música popular brasileira muito fortemente, e recria isso apontando prum futuro, uma espécie de futuro de redenção do povo negro. É por isso também que eu penso que aquela música "Moro num país tropical abençoado por Deus", né, que foi pensada, na época, como uma espécie de adesão ao paradigma nacionalista do regime...

**Jorge Ben Jor:** *Moro / num país tropical / Abençoado por Deus / E bonito...*

**Acauam Oliveira:** Na verdade, o país tropical abençoado por Deus não é o país dos militares, é o país do povo negro em liberdade, que só existe a partir do território nacional, mas fora do significante 'nação' tal como pensado pelos militares. O país tropical abençoado por Deus é o país dos Quilombos dos Palmares. Essa ideia do Jorge Ben como criador de uma mitologia negra, pensado a partir do amor e não da dor, pensado pra fora daquilo que o colonizador fez do nosso povo; essa redução, né, do corpo negro a uma condição de pura materialidade, de pura coisa, a redução radical da subjetividade ao corpo, como diz o Fanon... O Jorge Ben, ele consegue criar narrativas do povo negro, das mulheres negras.

**Jorge Ben Jor:** *Eu só quero que Deus me ajude / A ver meu filho nascer e crescer / E ser um campeão / Ser...*

**Acauam Oliveira:** É um horizonte de liberdade tão grande, é tão pensado para fora do que o racismo faz de nós, que o cara fez um disco sobre alquimia. Aquele disco, ali, o tema é alquimia, aquele disco é uma das experiências mais radicais em termos de liberdade temática...

**Tiago Rogero:** O disco é o "A Tábua de Esmeralda", de 1974.

**Acauam Oliveira:** Porra, o que é aquilo, começa com alquimia, depois São Tomás de Aquino, daí tem música em inglês, tem vários sons, vários ritmos, temáticas tudo de acordo com o desejo do sujeito. Como se o negro, dentro da sociedade brasileira, que é absolutamente racista, né, que o racismo está no seu DNA, ele constrói um imaginário onde o negro pode ser absolutamente qualquer coisa. Como nós efetivamente podemos ser, mas, obviamente, que as condições de racialização da sociedade não permite que nós sejamos. Mas o imaginário do Jorge Ben consegue alcançar essa liberdade. O imaginário e a prática musical, efetivamente.

<<<< *toca a música "Cinco minutos"* >>>>

**Acauam Oliveira:** É como se a singularidade que o Jorge Ben atinge naquilo que ele faz na música dele fosse tão grande que não pudesse ser replicado. Não dá para ter um método Jorge Ben. Assim como é possível ter um método bossa nova, não é possível ter um método Jorge Ben. É uma singularidade muito radicalizada. E essa singularidade alcança no retorno dessa consciência a uma ancestralidade negra. Porque a música do Jorge Ben é totalmente ancestralidade negra, do jeito que ele canta, emulando figuras do Candomblé, por exemplo, no 'voxê', no Preto Velho, nas figuras que ele cria, nas personagens que ele inventa, nas temáticas que ele aborda.

<<<< *toca a música "Mas que nada"* >>>>

**Acauam Oliveira:** Essa ideia do Jorge Ben ser uma espécie de griô que realiza essa ponte entre o passado negro, mas um passado anterior à escravidão, e ele canaliza esse história em si no momento mesmo da enunciação e ao fazer isso ele aponta pr'um horizonte de liberdade via imaginário, que ressignifica e muda por completo a história da música popular. Se a bossa nova, em alguma medida a gente pode identificar uma linha de continuidade, né: bossa nova, tropicália, Chico Buarque, MPB, depois a MPB mais pop dos anos 1990, tal, atravessa no rock... o Jorge Ben vai dar em outro, vai desaguar em outras águas, né?

**Racionais MCs:** *Jorge sentou praça / Na cavalaria...*

**Acauam Oliveira:** O Racionais num têm nada a ver; o rap brasileiro, não tem nada a ver com João Gilberto, mas tem tudo a ver com o Jorge Ben. O black dos anos 70 também, ali... o Tim Maia, o próprio Djavan, depois o pagode romântico, o próprio axé em grande medida vai ter uma relação com a linguagem proposta pelo Jorge Ben. Que, em grande medida, é uma espécie de anti-João Gilberto.

**Art Popular e Jorge Ben Jor:** *...cidadão, é cida... / É cidadão, é cidadão, é cidadão / Mas ninguém me reconhece como um grande cidadão / É cidadão, é cidadão, é cidadão / Requebra da onde?...*

**Tiago Rogero:** Quando eu penso nesses caminhos abertos pelo Jorge Ben, isso me leva de novo pra "Zumbi", que é aquela música que a gente ouviu declamada ao longo do episódio.

Aquela versão que a gente já ouviu é a do "Tábua de Esmeralda".

Mas tem uma regravação,

completamente diferente,

que ele lançou dois anos depois, em 1976.

O disco era o "África Brasil".

**Acauam Oliveira:** Na 'Zumbi' do 'África Brasil', ele está muito mais raivoso, né?

O Jorge Ben não canta com raiva, o Jorge Ben canta perdoando as dores do mundo, que é de uma sabedoria ancestral absurda, ele canta da perspectiva de Oxalá, que ele está falando ali. 'Podem vir e tal, sabemos o que vocês fizeram com a gente mas tudo bem, podem vir'. O que não quer dizer que está tudo bem, assim, né, de 'ah, foram perdoados.' Não é isso, mas assim, 'vem'. (ri) A perspectiva da sabedoria ancestral mesmo, assim. Geralmente o canto dele é isso. Agora, no 'África Brasil', ele está com raiva.

**Jorge Ben Jor:** *...Eu quero ver o que vai acontecer / Eu quero ver o que vai acontecer / Eu quero ver o que vai acontecer quando Zumbi chegar! / Zumbi é senhor das guerras senhor das demandas / Quando Zumbi chega, é Zumbi é quem manda / Eu quero ver, eu quero ver / Salve, meu povo, eu quero ver quando Zumbi chegar o que vai acontecer! / Zumbi é senhor das guerras, Zumbi é senhor das demandas / Eu quero ver...*

**Acauam Oliveira:** Dentro dessa ideia de Brasil como um campo de conflito permanente, onde um lado detém o monopólio da violência e o outro sobrevive e reinventa formas de vida que jamais seriam inventados pelos polos que têm as armas, que é o polo branco, obviamente... O mais curioso e perverso por outro lado desse movimento é: aquilo que tem de bom no Brasil, o que presta no Brasil é, é negro. A brasilidade oficial, o Brasil oficial produz mecanismos de morte, opressão, violência. E tudo aquilo que é interessante e bom, e positivo, é produzido pelo negro que resiste a esse modelo de morte, violência e exclusão. E o, o que há de perverso nisso é, é que essas formas de resistência são frequentemente apropriadas como signos de brasilidade.

**Tiago Rogero:** É a cultura de resistência que o Clóvis Moura dizia.

E assim o povo negro se entranhou e fincou o pé não só na música, mas em outras formas da nossa cultura.

Nas artes plásticas, por exemplo.

Tinha um importante antropólogo, o Marianno Carneiro da Cunha, que dizia que

"o nascimento das artes no Brasil tinha uma conexão umbilical com o modo de fazer africano".

Ele escreveu que:

"a infiltração do elemento escravo nas artes brasileiras coincide com a própria eclosão das mesmas no Brasil."

E que "o negro contribuiu de modo definitivo na desvinculação das artes plásticas brasileiras de sua tutela metropolitana."

Ou seja: foi graças à influência afro-brasileira que nasceu uma arte genuinamente brasileira, não mais só uma reprodução do que vinha de Portugal e da Europa.

Cultura de resistência.

Eles empurram,

a gente empurra de volta.

E com mais força.

Tem um outro filho dessa diáspora que eu gosto muito, o intelectual estadunidense W.E.B. Du Bois. Em 1903, ele escreveu assim:

"O cancionero negro  
— o lamento ritmado do escravo —  
é hoje não só a única música americana  
mas também a mais bela expressão da experiência humana a surgir deste lado do oceano".

Acho que essa frase se aplica perfeitamente ao Brasil,  
não só tratando de música,  
mas de todas as outras formas de arte e de cultura:

literatura, esculturas, pinturas, dramaturgia...

Essas artes forjadas pela experiência afro-brasileira  
são a mais bela expressão da experiência humana a surgir deste lado do oceano.

Se você quiser ouvir uma playlist com as músicas tocadas aqui no episódio, eu postei lá nas minhas redes sociais: @TiagoRogero, no Twitter e no Instagram.

O projeto Querino é apoiado pelo Instituto Ibirapitanga.

O podcast é produzido pela Rádio Novelo.

O nosso site, [projetoquerino.com.br](http://projetoquerino.com.br), reúne todas as informações sobre o projeto, e conteúdo adicional. O site foi desenvolvido pela Àiyé.

E eu te convido a conferir também todo o material do projeto Querino que está sendo publicado pela revista piauí, nas bancas e no site da revista.

Este episódio teve pesquisa de Gilberto Porcidonio, Rafael Domingos Oliveira e Angélica Paulo, que também fez a produção e declamou aqui pra gente a letra de "Zumbi", do Jorge Ben Jor.

A edição é do Lucca Mendes; a sonorização, da Júlia Matos  
e a finalização, da Pipoca Sound.

A checagem é do Gilberto Porcidonio,  
e a música original, do Victor Rodrigues Dias.

Estratégia de promoção, distribuição e conteúdo digital: Bia Ribeiro.

A identidade visual é do Draco Imagem.

Os transcritores das entrevistas foram Guilherme Póvoas e Rodolfo Vianna.

A locução foi gravada no estúdio da Pipoca Sound, com trabalhos técnicos de Luis Rodrigues.

Consultoria em roteiro de Mariana Jaspe, Paula Scarpin e Flora Thomson-DeVeaux, com revisão de Natália Silva.

Consultoria em História: Ynaê Lopes dos Santos.

Produção-executiva: Guilherme Alpendre.

A execução financeira do projeto é do ISPIS, Instituto Sincronicidade para a Interação Social.

Idealização, reportagem, roteiro, apresentação e coordenação, Tiago Rogero.

Este episódio usou áudios do projeto Discografia Brasileira, do Instituto Moreira Salles, e da TV Globo.

Agradecimentos a Bia Paes Leme, Marcelo Araújo, João Fernandes, Viviana Santiago e Renata Bittencourt, do IMS; e também ao Paulo da Costa e Silva.

As músicas usadas no episódio foram, na ordem em que apareceram aqui:

"De ouro e marfim", do Gilberto Gil, interpretada pelo Gilberto Gil.

"Chega de saudade", de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, interpretada pelo Caetano Veloso.

"Anos dourados", de Tom Jobim e Chico Buarque, interpretada pelo Chico Buarque.

"Se todos fossem iguais a você", de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, interpretada pelo Paulinho da Viola e pela Gal Costa.

"Estrada do sol", de Tom Jobim e Dolores Duran, interpretada pelo Milton Nascimento.

Todas essas músicas foram interpretadas ao vivo na Praia de Copacabana, em 1995.

Seguindo com as músicas:

"Sem ela", de Raul Marques e Alberto Ribeiro, e "Anjo cruel", de Wilson Batista e Alberto Ribeiro, interpretadas pelo João Gilberto e os Garotos da Lua, em 1951.

"Chega de saudade", de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, interpretada pela Elizeth Cardoso para a gravadora Festa, em 1958.

E uma outra versão de "Chega de Saudade" interpretada pelo João Gilberto para a gravadora Odeon, também em 1958.

"Saudade fez um samba", de Carlos Lyra e Ronaldo Bôscoli, interpretada pelo João Gilberto para a gravadora Odeon, em 1958.

"Samba de uma nota só", de Tom Jobim e Newton Mendonça, interpretada pelo João Gilberto para a gravadora Odeon, em 1960.

"Samba da minha terra", de Dorival Caymmi, interpretada pelo João Gilberto para a gravadora Odeon, em 1961.

"Dies sanctificatus", e "Abertura em Ré", do Padre José Maurício, interpretadas por Vox Brasiliensis e Ricardo Kanji para a gravadora Phaia Music, em 2017.

"Beijo a mão que me condena", do Padre José Maurício, interpretada por Orquestra e Coro Vox Brasiliensis e Ricardo Kanji, em 2019.

"Valsa Andaluza", de Artur Camilo, interpretada por Artur Camilo, em 1905.

"Polca Marcha", de João de Almeida, interpretada pela Banda da Casa Edison, em 1909.

"O Malaquias", de M. Malaquias, interpretada pela Banda Escudero, em 1913.

"Eh Uá Calunga", de Capiba, interpretada por Mara e a Orquestra Columbia do Rio de Janeiro, em 1937.

"Só com a ajuda do santo", de Lequinho, Júnior Fionda, Flavinho Horta, Gabriel Martins e Igor Leal, interpretada pela Estação Primeira de Mangueira, Ciganerey e Milton Gonçalves para a gravadora Universal Music, em 2016.

"Sincopado triste", de Hianto de Almeida e Macedo Neto, interpretada pela Elizeth Cardoso para a gravadora Copacabana, em 1960.

"Bolimbalacho", interpretada por Manuel Pedro dos Santos, o Bahiano, em 1902.

"Quebra cabeças", de Ernesto Nazareth, interpretado pela Orquestra Pan American, em 1927.

"Felicidade", de Zé Cavaquinho, interpretada pelo Grupo do Malaquias, em 1904.

"Será Possível", interpretada pela Banda da Casa Edison, em 1902.

"Atraente", de Chiquinha Gonzaga, interpretada por Chiquinha Gonzaga e pelo Grupo Chiquinha Gonzaga, em 1910.

"Corta Jaca", de Chiquinha Gonzaga e Machado Careca, interpretada por Pepa Delgado e Mário Pinheiro, em 1906.

"Ô Abre Alas", de Chiquinha Gonzaga, interpretada pela Orquestra Sinfônica Juvenil Chiquinha Gonzaga, em 2021.

"Pelo telefone", de Donga e Mauro de Almeida, interpretada pelo Bahiano, em 1917.

"Zumbi", de Jorge Ben Jor, interpretada pelo Jorge Ben Jor para a gravadora Philips, em 1974.

"Balança Pema" e "Chove Chuva", de Jorge Ben Jor, interpretadas por Jorge Ben Jor para a gravadora Philips, em 1963.

"Menina mulher da pele preta", de Jorge Ben Jor, interpretada por Jorge Ben Jor para a gravadora Philips, em 1974.

"País tropical", de Jorge Ben Jor, interpretada por Jorge Ben Jor para a gravadora Odeon, em 1969.

"Negro é lindo", de Jorge Ben Jor, interpretada por Jorge Ben Jor para a gravadora Philips, em 1971.

"Cinco minutos", de Jorge Ben Jor, interpretada por Jorge Ben Jor para a gravadora Philips, em 1974.

"Mas que nada", de Jorge Ben Jor, interpretada por Jorge Ben Jor para a gravadora Philips, em 1963.

"Jorge da Capadócia", de Jorge Ben Jor, interpretada pelos Racionais MC's para a gravadora Cosa Nostra, em 1998.

"Agamamou", de Leandro Lehart, interpretada pelo Art Popular e pelo Jorge Ben Jor para a gravadora Virgin, em 2000.

E "África Brasil (Zumbi)", de Jorge Ben Jor, interpretada por Jorge Ben Jor para a gravadora Philips, em 1976.

Até o próximo episódio.